

Líderes e Chefes Antes e Depois da Independência

Ten Cel Inf QEMA
RICARDO FERNANDES

1. Nos trabalhos referentes aos aspectos de chefia e liderança, nossos estudiosos e autores sobre o assunto dedicam uma grande parte de suas citações a mestres e pesquisadores estrangeiros e a uma exuberante exemplificação com fatos ocorridos fora do Brasil e com personagens não nacionais. Allport (Gordon W.), Freeman (G.L.), Jay (Anthony), Tannenbaum, Tead (Ordway) e uma centena de outros, a par de experiências em fábricas, escolas, quartéis e laboratórios americanos, ingleses, franceses, alemães e de outras nações, são de menção constante dos trabalhos de chefia e liderança apresentados no nosso país, portanto, estranhos à nossa formação e evolução. Poucos e poucas vezes, nomes e eventos nacionais são reportados ao se encarar tão importante matéria. A experiência dos outros é válida, aproveitável e deve ser conhecida, mas, não deve ser abandonada a nossa própria e a de nossas origens. O estabelecimento de um contato mais próximo tem de ser mais válido, mais autêntico e mais sensível. Não nos falta material para que, no domínio da chefia e liderança, sob quaisquer aspectos, se possa dosar, em maior grau, os ensinamentos passados desde nosso aparecimento como Colônia até à República.

2. Remontando aos nossos antepassados poderíamos buscar, em Portugal, uma série de homens definindo personalidades marcantes, a par de inúmeros acontecimentos ligados a chefes executivos, políticos, sociais e a outros tipos

de dirigentes. Vultos e episódios da terra lusitana plasmaram muito a formação de nossos antigos líderes e chefes.

Numa perfunctória pesquisa histórica, vamos deparar personagens ilustres que influíram, direta ou indiretamente, nos nossos destinos. Citaremos alguns deles, sem um maior esforço bibliográfico e dos fatos que se correlacionaram com eles e conosco, mesmo remotamente.

A firmeza, a justeza e o tirocínio transmitido a muitos de nossos ancestrais parece provinda de D. Dinis — o Lavrador. Inteligente, ilustrado e bravo, desenvolveu a agricultura, fundou uma bolsa para mercadores, reorganizou a Marinha, cuidou do comércio e das indústrias, fomentou a instrução e fundou a Universidade de Lisboa, em 1290, transferindo-a, em 1309, para Coimbra, onde a frequentaram tantos brasileiros. Fundou povoações, reformulou códigos, protegeu as letras, foi poeta e guerreiro.

D. João II — o Príncipe Perfeito (1481-1496) foi um verdadeiro reformador: derogou os privilégios da nobreza, reivindicou terras usurpadas, fez frente a conspirações dos nobres e impulsionou as navegações (criou a Junta dos Matemáticos ou dos Cosmógrafos, para compendiar a cultura astronômica e náutica).

No governo de D. José I — o Reformador (1750-1777) surgiu a figura ímpar de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, um grande estadista. Sem maiores comentários, transcrevem-se, a seguir, trechos da carta do Marquês de Pombal, ao Cel Joaquim de Melo Póvoas, Governador do Maranhão. A citada carta contém inestimáveis princípios de governar.

* O povo que V Excia vai governar, é obediente, fiel a El-Rel, aos seus generais e ministros: com estas circunstâncias, é certo que há de amar a um general prudente, afável, modesto e civil.

A justiça e a paz com que V Excia o governar, o farão igualmente benquisto e respeitado, porque, com uma e outra cousa, se sustenta a saúde pública.

Engana-se quem entende que o temor com que se faz obedecer, é mais conveniente do que a benignidade com que se faz amar; pois a razão natural ensina que a obediência forçada é violenta e a voluntária segura.

Conheçam todos em V Excia, que El-Rei é pio, e que o manda para ser pai, e não tirano: porque isto é o mesmo que V Excia vê praticar pelo seu régio ministro; casos há em que se deve usar de vigor, apesar da própria vontade; assim como vemos pelo professor ou cauterizar uma chaga, ou cortar um braço para restaurar a saúde de uma vida, da mesma forma quem governa, se não pode conservar a saúde do corpo misto de república, por causa de um membro podre, justo é cortá-lo, para não contaminar a saúde dos mais. Pese V Excia, na balança do entendimento, a sua benevolência que não diminua a autoridade do respeito, nem a justa severidade das leis, obrigado do amor, porque neste equilibrio está a arte de um feliz governo.

A jurisdição que El-Rei confere a V Excia jamais sirva para vingar as suas paixões; porque é injúria do poder, usar da espada da justiça fora dos casos dela.

Quase todos os que governam, querem que o lisonjeiem e sempre ouvem com agrado os elogios que se lhe fazem. Desta espécie de homens ou de inimigos em toda a parte se encontram; e V Excia os achará também em seu governo; aparte-os pois de si, como veneno mortal. O Espirito Santo diz que os que governam, devem ter os ouvidos cerrados de espinhos, só para que, quando os aduladores se chegarem a eles os lastimem, os façam afugentar.

Não altere cousa alguma com força nem violência, porque é preciso muito tempo, e muito jeito, para emendar costumes inveterados, ainda que sejam escandalosos. Mesmo os príncipes encontram dificuldades neste empenho; Tibério não conseguiu tirar os jogos ilícitos e públicos, introduzidos por Augusto; Galbo pouco reinou por querer emendar as desenvolturas de Nero, e Pertinaz pouco menos de um ano empunhou o cetro por intentar reformar as tropas relaxadas de seu antecessor Comodo.

Contudo, quando a razão o permite, e é preciso desterrar abusos, e destruir costumes perniciosos, em beneficio de alguém, da justiça e do bem comum, seja com muita prudência e moderação; que o modo vence mais que o poder.

Esta doutrina é de Aristóteles, e todos aqueles que a praticaram não se arrependeram.

Em qualquer resolução que V Excia intentar, observe estas três cousas — prudência para deliberar, destreza para dispor, e perseverança para acabar.

Não resolva V Excia, com acelerações pendências árduas de seu governo para lhe não acontecer logo emendá-las; menos mal é dilatar-se para acertar com maduro conselho, que deferir com ligeireza para se arrepender com pressa sem remédio.

Quando duvidar informe-se; pergunte; e para não dar a entender o que quer obrar, figure o caso como questão, às pessoas que o possam saber, para o informarem em termos. Também não quero dizer que por isso se sujeite V Excia a tudo e a todos; mas sim que ouça e pratique para resolver por si o que entender; porque à V Excia confiou El-Rei o governo, e não a outro.

Atenda V Excia e escute o aflito que se queixa, lastimado e ofendido; console-o; mas contudo não lhe defira sem plena informação e esta que seja pelo Ministro, ou pessoa muito confiante; para que assim defira V Excia com madureza e retidão, sem que lhe fique lugar de se arrepender do que tiver obrado; com este método livra-se V Excia também de muitas queixas vãs e falsas de muitos que sem verdade as fazem, confiadas na prontidão com que alguns superiores castigam, levados de primeira acusação que se lhes faz.

Quando assim suceda que V Excia enganem, mande castigar o informante, e o queixoso, ainda que tenha mediado tempo; isto tanto para satisfação da justiça e do seu respeito, como exemplo dos que quiseram intentar o mesmo. Não consinta V Excia violência dos ricos contra os pobres; seja defensor das pessoas miseráveis; porque de ordinário os poderosos são soberbos, e pretendem destruir e desestimar os humildes; esta recomendação é das leis divinas e humanas; e, sendo V Excia o fiel executor de ambas, como bom católico, e bom vassalo, fará nisto serviço a Deus e a El-Rei.

Mostre-se V Excia em todos os momentos de paizão e de perigo, superior e inalterável; porque com os dois atributos de prudência e valor, o temerão seus súditos. Tenha por descrédito, como superior, provar o seu poder na fraqueza dos miseráveis pretendentes. Só três Divindades, sei que pintaram os antigos com os olhos vendados, sinal de que não eram cegas: há um Pluto, Deus da riqueza; um Cupido, Deus do amor; e uma Astréia, Deusa da Justiça. Negue V Excia culto a semelhantes divindades e nunca consinta que se lhe erijam templos e se lhes consagrem votos oficiais de El-Rei; porque é prejudicial em quem governa riqueza cega, amor cego, e justiça cega. *

3. O Brasil-Império é um verdadeiro celeiro de líderes autênticos. Desponta, de início, o nosso primeiro Imperador — D. Pedro I — que, como chefe, se reafirmou muito mais como D. Pedro IV, de Portugal. Gonçalves Ledo, José Bonifácio de Andrada e Silva (educado em Coimbra), Campos Vergueiro e muitos outros que remontam à época do nosso nascimento como nação oferecem, com suas atitudes, com suas decisões e com suas palavras, substancial e excelente

material para estudo. O Marquês do Paraná (Honório Hermeto Carneiro Leão) um dos mais eminentes, serenos e adiantados estadistas do Brasil, Bernardo Pereira de Vasconcelos, o grande reformista e Antônio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva, "eloqüente, patriota, liberal, erudito, capaz e entusiasticamente brasileiro", formam uma trindade que deixou inexcitáveis ensinamentos que a história guarda. Caxias, soldado e estadista, Osório, inquestionavelmente um grande líder militar e Tamandaré, "marinheiro valente e sem jaça, fogoso como a pólvora, leal como o aço, bravo como a própria bravura" segundo Pandiá Calógeras, ilustram, entre muitos, nossos grandes chefes militares. Os Rio Branco (Visconde e Barão) deixaram um lastro de inegáveis serviços à Pátria e exemplos de liderança setorial. Como administrador, economista, político e empreendedor surge Mauá, cuja capacidade de chefe merece uma cuidadosa pesquisa. O desempenho e a figura do nosso segundo Imperador — D. Pedro II — fornecem ensinamentos dos mais valiosos.

4. A República é não menos fértil de chefes e líderes, alguns vindos do Império. Prudente de Moraes demonstrou ser um dirigente prudente, fazendo justiça a seu nome, contando, em seu Ministério, com Rodrigues Alves, grande figura de administrador e que, mais tarde, seria, também Presidente da República. Campos Sales, Joaquim Murinho, Pinheiro Machado, Rondon, Bernardes e muitos outros podem fornecer, por seus empreendimentos e atitudes, páginas e mais páginas dos livros que tratam de chefia, de liderança, da arte de administrar ou de dirigir, em quaisquer campos do poder: político, econômico, militar e psicossocial.

5. Dizia um célebre escritor que a história não tem prazo para fazer justiça. Acreditamos que já é tempo de não se praticar injustiças, olvidando o que é nosso.